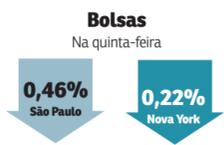




7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 1º de janeiro de 2023



Na quinta-feira
R\$ 5,280
(+ 0,47%)

Dólar

	Últimos
22/dezembro	5,202
23/dezembro	5,166
26/dezembro	5,209
28/dezembro	5,287

Salário mínimo
R\$ 1.212

Euro
Comercial, venda na quinta-feira
R\$ 5,637

CDI
Ao ano
13,65%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
13,66%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Julho/2022	-0,68
Agosto/2022	-0,36
Setembro/2022	-0,29
Outubro/2022	0,59
Novembro/2022	0,41

EMPREGO

Mercado de trabalho em busca de fôlego

O ano que se encerra foi marcado por um aumento excepcional na abertura de vagas, após a crise causada pela pandemia. Apesar dos níveis históricos de ocupação, a criação de posições com carteira assinada começa a apresentar desaceleração

» RAFAELA GONÇALVES

O desempenho do mercado de trabalho no ano que acaba de terminar foi marcado por recuperação e queda da taxa de desemprego. Em 2022, o Brasil viu o menor nível de desocupados desde julho de 2015. A taxa ficou em 8,3% no trimestre encerrado em outubro, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar da taxa de ocupação ter atingido níveis históricos, o número de vagas com carteira assinada começa a dar sinais de enfraquecimento. Com uma expectativa de desaceleração da atividade econômica e incertezas políticas, a previsão é de que essa tendência siga no próximo ano, o que será um desafio para o governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.

A criação líquida de empregos formais vem apresentando um ritmo mais lento desde agosto. Segundo os dados da última divulgação do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o Brasil gerou 135,5 mil vagas de trabalho com carteira assinada no mês de novembro. Mesmo sendo positivo, o número é 56,8% menor do que o mesmo período em 2021. No acumulado dos 11 primeiros meses de 2022, o saldo do Caged é de 2,4 milhões de vagas, ante 3 milhões no ano anterior.

A desaceleração nas contratações se mostrou disseminada entre os setores da agropecuária, indústria e construção, enquanto comércio e serviços seguem se destacando devido à uma recuperação da pandemia, somados à sazonalidade do período de fim de ano. De acordo com os analistas, a desaceleração no número de contratações se dá por uma estabilização das vagas perdidas nos últimos dois anos, além de um menor ritmo de crescimento da economia, que deve perdurar ao longo de 2023.

A pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Maria Andreia Lameiras, define o movimento não como uma queda do emprego, mas sim uma estabilização, que já era esperada. “Viemos observando um crescimento do mercado de trabalho desde o último trimestre de 2021. Tivemos meses de crescimento de 11% da população ocupada. Taxas compostas durante muitos meses seguidos que perduraram até a metade deste ano. A gente sabia que, em algum momento, isso iria dar uma acomodada, seria inviável continuar neste ritmo”, afirma.

Desaceleração

Segundo Lameiras, esta acomodação se deve a uma desaceleração da atividade econômica, típica do último trimestre. “O 4º trimestre é geralmente de aceleração da atividade e isso, obviamente, vai bater no emprego. Essa acomodação já era esperada, porque a gente cresceu muito e uma hora o mercado de trabalho

iria dar uma estacionada, para depois voltar a se desenvolver. É nesse período que estamos agora”, avalia.

O pesquisador sênior do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre FGV), Fernando Holanda Barbosa Filho, define a queda recorde do desemprego como uma grande surpresa e avalia a recuperação como bem acima das expectativas. Para o economista, o que guiou a retomada foi prioritariamente a retomada do setor de serviços, que voltou a operar com o arrefecimento da pandemia de covid-19.

“O que houve foi uma recuperação muito forte pós-pandemia em setores intensivos em mão de obra. Isto fez com que o ano de 2022 fosse bem diferente do ano anterior. Em 2021, teve muito PIB (Produto Interno Bruto) e, relativamente, pouco emprego, porque o PIB voltou muito rápido e o emprego voltou devagar”, observa Barbosa Filho. Segundo o pesquisador, isso aconteceu pois os setores que voltaram primeiro da pandemia eram áreas de pouca mão de obra, mas que geram muito valor agregado, como indústria e construção.

Neste ano, o grande destaque, de acordo com o especialista, foi a volta dos mercados que dependiam mais de contato físico. “Havia uma demanda reprimida do setor de serviços, que contrata muito. A volta das viagens impulsionou o ramo de hotelaria, os restaurantes e também as festas. Logo que o contato foi retomado, festas de casamento, por exemplo, eram de segunda a segunda. Os grandes responsáveis por essa recuperação histórica foram justamente os setores que estavam defasados na pandemia”, pontua.

Lorena Gomes, 28 anos, foi uma das milhares de pessoas que perderam o emprego no pico da pandemia em 2020. Trabalhando em uma equipe de cerimonial à época, com o isolamento social e as aglomerações impedidas, ela foi dispensada. “Nesse meio tempo eu fui fazendo o que eu podia, vendi bolo no pote, depois comecei com algumas atividades de artesanato, fazia tudo que aparecia, mas era tudo muito incerto”, conta a jovem, que conseguiu um emprego em uma loja em fevereiro deste ano. “A rotina é difícil. Trabalhar nos fins de semana e até tarde. Mas é muito bom ter a segurança de uma carteira assinada, saber que tenho meus direitos.”

Remuneração

O salário das novas contratações, assim como o saldo de vagas formais, também vem em uma trajetória de queda. A remuneração média de admissão ao emprego em novembro ficou em R\$ 1.919,81, uma redução real de R\$ 20,46 em comparação ao mês anterior. Já o salário dos desligados era de R\$ 2.009,05. Assim, quem é contratado ganha 4,4% a menos do que aquele que foi demitido.

Para o economista Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos, a recuperação da pandemia veio acompanhada de

Pé no freio

Após uma forte retomada junto ao setor de serviços, prejudicado pela pandemia, o mercado de trabalho apresenta sinais de desaceleração. Analistas esperam que volume de vagas de emprego com carteira assinada continue em queda no próximo ano



Desempregados (desocupados)

9,5 milhões

Taxa de desemprego (desocupação)

8,7%

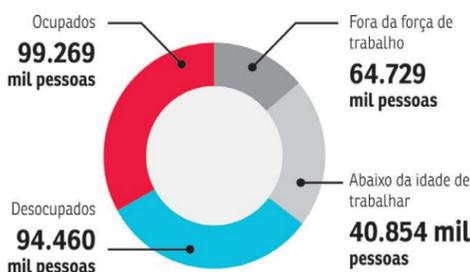
Desalentados

4,3 milhões

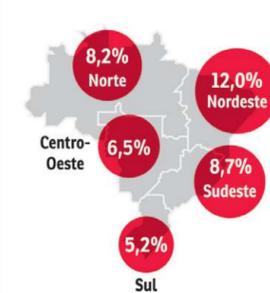
Taxa de subutilização

20,1%

População brasileira, de acordo com as divisões do mercado de trabalho



Taxa de Desocupação nas Grandes Regiões



Número de postos de trabalho criados com carteira assinada



Dados setoriais

Acumulado do ano até novembro

Grupo	Saldo de vagas	Saldo de vagas
Serviços	1.362.825	7,11%
Indústria	366.742	4,63%
Comércio	365.654	3,81%
Construção	269.735	11,69%
Agropecuária	101.425	6,03%

Fonte: IBGE - Pnad 3º trimestre, Caged - Ministério do Trabalho.

uma deterioração da qualidade do emprego. “As pessoas estão aceitando empregos com um salário menor e estão sendo demitidos trabalhadores com salários melhores. Esse movimento já vem desde o começo da retomada, porque a pandemia tirou do mercado de trabalho os informais, que historicamente

ganham menos”, diz.

Cruz avalia o movimento como oposto ao visto nos últimos dois anos. “Olhando para as séries do IBGE podemos observar que no início da pandemia o desemprego sobe, mas o salário médio também sobe. Isso porque as pessoas que continuavam trabalhando eram aquelas

escolarizadas, que puderam ir para o teletrabalho. Assim, a média salarial aumentou, mantendo ocupado quem ganhava mais. Agora, com a retomada do comércio e dos serviços, que são vagas majoritariamente ocupadas por quem estava no mercado informal, essa média caiu”, acrescenta o economista.

Desafios do governo Lula

Os sinais de desaceleração das contratações, atrelada a redução dos salários, acendem um alerta para a equipe econômica do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O petista precisará lidar com temas complexos como as reformas e a questão discal.

Com a recuperação do emprego já dando sinais de estar em compasso mais lento, o mercado avalia a definição das políticas econômicas do novo governo como cruciais para a definição dos rumos do mercado de trabalho ao longo de 2023, como destaca o professor do departamento de economia da Universidade de São Paulo (USP) Luciano Nakabashi. “A questão fiscal, obviamente, está no radar. Uma política fiscal muito expansionista tende a desacelerar a economia e uma desaceleração da economia segura também o mercado de trabalho”, destaca.

Lula falou algumas vezes na revogação da reforma trabalhista, o que, de acordo com o economista, pode fazer com que empregadores coloquem o pé no freio nas contratações. “A reforma trabalhista por si só não cria empregos, mas essa flexibilização das leis trabalhistas, de certa forma, abriram mais espaço para no mercado de trabalho. Essas flexibilizações nos ajudam também a entender um pouco entender desses bons números de 2022”, avalia Nakabashi, que acredita voltar atrás com a reforma não seria uma boa opção.

Desalentados

Para além das definições do novo governo, a pesquisadora Maria Andreia Lameiras, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), avalia que outro desafio é a parcela da população desalentada. “O mercado de trabalho tem que ser olhado com uma lupa maior, porque a gente tem 4,3 milhões de pessoas que estão, já há muito tempo (desempregadas), e muitas até já desistiram de procurar emprego. Para essa população, mesmo que a economia cresça, vai ter dificuldade de voltar para o mercado de trabalho, porque está desatualizada, tem escolaridade muito baixa ou não tem experiência nenhuma”, afirma.

Lameiras avalia que embora o mercado de trabalho possa surpreender menos em 2023, por 2022 ter sido um ano atípico, o emprego ainda deve continuar crescendo, mas de maneira mais modesta. “O desafio mesmo é trazer essas pessoas para ocupação, o que requer mais do que crescimento, requer requalificação. Isso é uma das coisas que tem que estar na mira desse novo governo. Requalificar a mão de obra, para tentar trazê-la de volta ao mercado”, conclui.

Durante a campanha presidencial, o então candidato Lula apresentou algumas propostas na esfera da capacitação profissional, como o incentivo às novas tecnologias. (RG)